Comunismo Desnecessário

RAIMUNDO GIRÃO

Ao sôpro de fatores vários — inclinações inatas, pressão do meio físico e moldagem do mundo moral — é que se prepara e completa o psiquismo assim dos indivíduos, como dos povos.

Por mais que possa ficar-se extranho a estas causas, a psiqué humana as refletirá, será sempre a síntese de todas elas: pelo sensório nervoso, adapta-se o indivíduo, gradativamente, ao torvelinho ambiencial, num admirável processo de acomodação e defesa, que termina por fazê-lo adulto, capaz; e pelo sensório da inteligência acumulam-se as noções da experiência, refinam-se os sentimentos, forma-se o caráter e acaba por definir-se a personalidade moral, simbiosiada intimamente á convivência coletiva. A inconsciência dessa preparação cria o ser consciênte, que pensa, deseja, quer e age.

Também os povos têm o seu sensório, através de cuja rede se concretiza a sua individualidade material — território e população — e, igualmente, a sua personalidade psíquica, num trabalho extremamente complexo, de que resulta não apenas uma justaposição de pensamentos e pendores, ou uma simples nucleação demográfica, mas um conjunto harmonioso de inspirações e aspirações, formando a psicologia do grupo.

Constituída a personalidade individual, será sempre o indivíduo essa personalidade, segui-la-á toda a sua vida, e tudo que vier contrariá-la será transtôrno, será violência, fonte insopitável de reação.

Do mesmo modo, sem consequências graves não se poderá mexer na personalidade de um povo, desarrumar a sedimentação das camadas formadoras da sua constituição étnica, da sua sentimentalidade, das suas energias morais, da sua espiritualidade. Fazê-lo, será traumatizar o seu finalismo, o seu gênio, o seu destino — destino político, destino religioso, destino econômico, destino racial, destino cultural, em suma: destino histórico.

Como todos os povos, o Brasil sujeita-se a seu destino histórico, tem a sua psicologia iniludível e eterna, superorganismo espiritual, filho da maneira por que se formou coletivamente, alimentou-se e se revigorou.

A história revela claro que os elementos componentes da formação brasileira guardaram as mais belas qualidades da doçura, da candidez, duma religiosidade comovedora, e não a intemperança, a indiferença de coração e a frieza materialista.

Somos etnicamente uma porção de latinidade posta em mistura com a bondade do negro afro e a ingenuidade volúvel do amerindio pelos eflúvios deliciosos do cristianismo, de que a floração mais terna e legítima é a missão católica. Somos uma nação plasmada pela coragem de

avós látinos vencendo mistérios insondáveis e abrindo os seus brônquios opressos de europeismo ao ar puro e fresco do Novo-Continente.

Lusitanos pela ascendência e latinos pelo espírito, "o nosso encanto estaria em ser uma nação americana com a espiritualidade latina" — conceituou Graça Aranha.

"Sendo português — traçou o estilista incomparável de "Canaan" — não deixará o Brasil de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser um continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano. O privilégio do Brasil é o de fundir duas nações: a que vem do passado no sangue português e a que recebe do ardente meio físico em que se desenvolve essa transplantação da alma latina. Essas duas fôrças não se excluem e enquanto a sua fusão se realiza suavemente e a impulsão americana move sem violência as idéias e a sensibilidade portuguesa, uma vida ardente inflama o imenso país. A terra brasileira eleva-se numa ascenção espiritual. Sente-se em cada pensamento a inspiração de um grande destino. O Brasil vive o poema da inspiração".

E' forçoso pensar intensamente nesta espiritualidade, que devemos preservar e exaltar como o cunho mais característico da nossa alma nacional e a sugestora das nossas atitudes coletivas.

Não é mera expressão gramatical ou simples mote poético a profundeza dêsse traço sentimental da psiqué brasileira, e sim uma realidade determinada, irreprimível, a guiar-nos constantemente, pois que é a nossa vocação de povo americano.

Americanos, somos um produto *extenso* um produto *tênue*, ao contrário do europeu, que é um produto *intenso*, um produto *denso*, na penetrante comparação de Gilberto Amado: "América é uma atmosfera leve sob cuja pressão não ofega o ser humano. A descoberta da América não rasgou somente novo campo á atividade física do homem. Aliviou o cérebro humano do pesadelo europeu: adelgaçou-lhe a espessura e lhe comunicou a mobilidade das auras grandes do mar. O americano respira largo na amplitude dos horizontes e, á medida que penetra na América, o filho da Europa sente aligeirar-se-lhe o espírito". "Na América, a delgadez do tempo na vastidão do espaço determina a liberdade da nossa visão e a *facilidade* da nossa inteligência. Nossa alma, comparada com a do europeu, prêsa por tantas raízes e tão diversas camadas estratificadas do solo moral, é qualquer coisa de aéreo e transparente. As crises que ela sofre são quase todas de origem exterior ligadas ás sensações elementares da luta pela vida. As longas e torturantes análises que roem o europeu não nos atormentam".

Convém reter êsse confronto, de que saem muitas deduções irresistíveis, em atinência a nós brasileiros.

O mesmo Graça Aranha deixou o toque: "Desde vitorioso o domínio português, o destino brasileiro se fixou para sempre e continuou a espiritualidade do mundo americano. Pela sua gigantesca extensão, pela sua população dominante, pela coesão nacional, pela fidelidade á cultura clássica, que lhe foi sempre um traço característico, o Brasil pode realizar soberanamente o seu maravilhoso destino humano. Portador do amável esfôrço daquela disciplina que venceu a natureza, conservador dessas tradições fecundas, o Brasil os torna mais ativos, mais enérgicos, imprimindo-lhes o ritmo acelerado da América".

Há, é inegável, um ritmo americano diapasando a marcha da civilização neste lado do Atlantico sul.

Nasceu esta invencível fôrça espiritual de muitas geratrizes, em cujo corte transverso emerge dominadora a influência da catequese e da ensinação católica.

No espavento dispersivo das entradas povoadoras, desde comêço aparece a figura embatinada dos padres da Companhia de Jesús, chamando, agregando, instruindo, orientando e construindo.

O primeiro sinal, e único, da posse que Álvares Cabral deixou na terra descoberta foi uma cruz fincada ao cerimonial de uma missa, assistida pela indiada. As hastes do lenho, na solidão da partida, ficaram mostrando aos futuros homens do Brasil o caminho da futura nacionalidade. Ponto excelso da grande visada era aquêle madeiro tôsco.

Não demorou a vir Manuel da Nóbrega com o "descortinio, a iniciativa, a energia, o poder de organização" do próprio Loióla.

Veio Anchieta, "a reprodução de Francisco Xavier, e cujos pensamentos, de um e outro, como que se tocavam através dos oceanos, qual o pólen das palmeiras", na frase justa de Batista Pereira.

Vieram os demais, dezenas, centenas, uns renomados, outros desconhecidos, todos cobrindo com a tinta indelével da cristandade a paisagem da nova terra e a alma da nova gente.

Ainda hoje, o símbolo é o mesmo: o Cristo no alto do Corcovado, de braços estendidos como os da cruz de Porto-Seguro. São as igrejinhas de todos os recantos com os sinos tocando todos os dias, juntando os fiéis para as devoções. Nunca mais os brasileiros deixaram de ouvir as vibrações dêstes sinos, que lhes suavizam os corações e se entranham como vida no imo das suas vidas.

E há cegos que não querem ver. Ou melhor, surdos que não querem ouvir a barulheira votiva dos sinos batendo.

"A sociabilidade, no meio individualista em que a colônia se formou — observa Pedro Calmon — movia-se em tôrno da igreja, que aglutinava as atividades esparsas como um centro comum de moralidade e espiritualismo". "A igreja aproximava, unia, concentrava". "As povoações começam pela capela — acrescenta. Imitavam nisto o Brasil, cuja colonização começou pelo cruzeiro, chantado pelo descobridor".

E continuam nascendo e crescendo assim, os nossos núcleos dêmicos quase todos.

Com a mística religiosa, fundamental e intrínseca ao ser humano, "a igreja transportou para a América a inteligência", escreve o dito Pedro Calmon. "A catequese fôra o cuidado inicial. Universalizaram os jesuítas o seu modo racional e astuto de pacificar, atrair, domesticar e aldeiar os índios. Depois, desenvolvendo a sua influência, que se não devia cingir a um determinado aspecto da vida colonial, não lhe interessaria a contextura, os jesuítas instalaram e multiplicaram os colégios".

O templo e a escola foram, e ainda são, portanto, os dois tabernáculos de forja e proteção do espiritualismo católico que se impregnou nos costumes e nas idéias, na constituição da propriedade e da familia, no sistema de trabalho econômico e na própria estrutura do Estado, de laicidade só aparente.

Também o Ceará nasceu nesta sacralidade indestruível.

Querendo apagar os erros da expedição gananciosa do ilhéu Pero Coelho, a cruz e as capelinhas foram para aqui trazidas, e nunca mais saíram, pelos loiolistas Francisco Pinto e Luís Figueira: "Por ordem do provincial Fernão Cardim nós partimos, o padre Francisco Pinto e eu, com obra de sessenta índios e com a intenção de pregar o evangelho áquela desesperada gentilidade" — expõe Figueira na sua tão impressionante *Relação do Maranhão,* que é o primeiro poema de lágrimas inspirado na odisséia comovente da terra cearense.

Cinquenta e cinco anos de vida e trinta e nove de Ordem tinha o primeiro, meio-homem e meio-santo, experiente do tratamento e da língua do gentio. O outro, era moço de trinta e três anos e quinze de serviços missionários, "fornecido de muitas graças do céu, dons naturais, raros talentos e grandes letras", no dizer original de Bettendorff.

Abrasados de fé e santo denôdo, velejaram até o Jaguaribe, e daí rumaram ao destino, queimando os pés no areial das praias e internando-se depois no sertão sáxeo, até chegarem á Ibiapaba. A viagem, por um mês a fio, era feita a modo "de peregrinos, firmados em bordões, breviário sob os braços da cruz e cabaz de água ás costas. Junto seguiam os índios, carregando o altar, vinho, cera e um pouco de farinha".

O prêmio material, que o outro não tem mensura, foi a morte do padre Pinto, abatido a pauladas pelos *tocarijus* rebeldes, e a volta de Figueira, não antes de limpar o cadáver do companheiro e sepultá-lo. Mais tarde, á sua vez, seria igualmente imolado á sanha dos *aranãs*, nas costas do Pará.

Guardaram os nativos, ciumentamente, os ossos do mestre e deles fizeram o seu *amanaiara*, o senhor das chuvas, amuleto totêmico das suas venerações.

Não foram poucos os que pretenderam recuperar aquêles despojos sagrados, um deles o chefe Camarão, sem o conseguir e podendo apenas beijá-los em reverência sincera e piedosa.

Não representa esta custódia o aconchêgo do novo homem cearense ás sombras da árvore frondosa e florida da cristandade?

Mais uns tempos e veio Soares Moreno fundar menos desventurosamente a colonização: "Cheguei a Seará com seis homens e um clérigo, onde fui muito bem recebido, logo a poucos dias fiz igreja e com os retábulos que levei se disse missa e se fizeram muitos índios cristãos", êle narra na sua *Relação do Ceará.*

Baltazar João Correia, o padre que êle trouxe, é outro símbolo, outra pedra demarcando o terreno da incredulidade e o da fé. E ao rugido dos verdes mares ajuntava-se, agora, o som dos sinos da capelinha ou ermida de N. Senhora do Amparo, plangentes nos seus *angelus* de todos os dias, e repetindo os chamados até que se espalhassem novos campanários saturando o Ceará.

Nesta história de três séculos, não parou a aventura pregadora, e Santo Inácio retornou á Ibiapaba, a princípio em Pedro de Pedrosa e Antônio Ribeiro que, destemidamente, vararam pela primeira vez as brenhas cearenses de oéste a leste, em procura dos tabajaras e, mais tarde, no gigante do púlpito, Antônio Vieira, que os mandara. Os selvícolas da grande serra também escutaram as belezas clássicas do seu sermonário majestoso.

Os anais missionários destacam muitos nomes, afora quantos, silenciosos e humildes, foram obreiros do maravilhoso edifício: Pedro de Morais, Pedro Francisco, Jacó Cocleo, Luís Macedo, Álvares da Encarnação, Manuel Pedrosa, Agostinho Correia, Rafael Gomes, José Leite Aguiar, Estêvão Monteiro, Borges de Novais, João Brewer, Francisco de Lira, Rogério Canísio, Manuel Pinheiro, João Guedes, o fundador da primeira Residência e do Hospício de Aquiraz.

Os ensinamentos e exemplos deles não se limitam a um episódio; são, ao invés, uma continuação, o livro todo, cheio, da nossa história.

Brasil cristão, Brasil da Santa Madre, Brasil latino, Brasil de Portugal, Brasil do espírito sobretudo, desde 1500.

Brasil de um povo que ás vezes o malsina porque é sentimentalista, imaginoso, devaneiante; porque não soube fazer-se argentário, plutocrata; porque não se estruturou na frieza matemática duma esconômia materialista; porque basilou a organização da família na religiosidade demasiada; porque os seus poetas cantam palmeiras, florestas e baianas de balangandãs, em vez das divindades do absolutismo de Estado. Porque se morenizou miscigenando-se com pretos e azeitonados. Porque não quer desprezar as mais veras tradições históricas e servir de cobaia a inoculações perigosas.

Malsinado por filhos insensatos porque não quís germanizar-se, porque está repelindo a sovietização duvidosa.

Liquidou-se a tentativa de nazificação, mas fervilhou o símile, esquentando a mente de muitos moços, intelectualmente desavisados e de muitas criaturas torturadas pela fome e pelo desconfôrto, á cata de coisa melhor.

Para êles é que escreveu o já citado autor de *A Estética da Vida*: "Não permitamos que dentro do quadro nacional reine a alma de outros povos e a nossa própria alma seja expulsa e exilada da terra que lhe criou a expressão ainda incerta, mas ardente e luminosa. Enquanto não tivermos sólidas as fronteiras morais da nação, enquanto o quadro que encerra a pátria não for rijo e inquebrantável, fechemos as portas á invasão, defendamos a frágil muralha, solidifiquemos a argamassa e seja tudo impenetrável ao sentimento estrangeiro. A pior invasão é a que se infiltra no sentimento, a que transforma a alma, transmuda a poesia secreta da sensibilidade, dá outro rítmo ao sonho. Há mistér os máximos resguardos para que não se altere a eurimia que deve presidir á nossa lenta e não ultimada formação étnica. Tudo que vier destruir ou alterar os nossos originais atributos raciais e os traços definidores da nossa personalidade deve ser repelido com firmeza".

E' uma advertência conselheiral aos que sonham demais ou desesperam cedo.

Não se há de negar que o Brasil sofre, em virtude de alguns falseios do seu passado e das incertezas da situação mundial presente. Porém não é êle só, são inúmeros, talvez todos, neste globo inquieto, os que procuram a terra da promissão.

A exageração indevida dos nossos sofrimentos nos conduzirá a um angulo visial errado, porque o remédio não virá de fora. Com o apêlo ás suas energias inerentes é que o organismo se reforticará. As nossas fôrças bio-psicológicas é que nos ajudarão, e nunca a enxertia impossivel de regimes alheios.

Não poucas, centenas, talvez milhares de mentalidades eruditas, jovens, esperançosas, e outros tantas cabeças desesclarecidas e desinstruídas, por certo almejam essa exertia e não sobestimaremos o pratriotismo, a sinceridade, de umas e outras. Mas, em contraposição, não têm elas o direito de duvidar da sinceridade e patriotismo dos muitos milhões que não a querem.

Pêso por pêso, em massa ou em qualidade, centenas ou milhares não valem milhões. Nem que a menoria fôsse a super-elite, o que indiscutivelmente não é.

O *ideal brasileiro* não é o deles. Quando muito, são brasileiros com um ideal diferente, na verdade exótico. O destino de muitos milhões não pode ser bitolado pela vontade ou concepção doutrinária dos poucos milhares, ainda que fossem anjos, o que evidentemente não são.

O ideal ou espírito comunista consubstanciado na pragmática soviética, aceitem ou não aceitem, é um fenômeno russo, uma resultante de corolários histórico-políticos russos. E' incerto que tenha essa pragmática resolvido o problema nacional russo, mas se concluído que sim, a ilação é que atendeu a necessidades russas, ajustou-se á psicologia russa, slava, fria, acomodada á submissão.

Revolução de trabalhadores, emocional no seu imediatismo e produto da instigação alemã, o comunismo vermelho derrubou uma aristocracia absorvente, algo brutal, de príncipes, barões e duques, sopeando castas sociais pobres, alimentadas de misérias e complexos. Trocados os polos, trucidada a nobreza, durante mais de um quarto de século os trabalhadores vitoriosos se matam e eliminam, para refulgir, no fim de contas, um Estado Supercapitalista, totalitário, ferozmente agnóstico, ilusoriamente hierarquico, obsecado por um economismo guantico.

Os adeptos do sistema alardeam que houve um milagre de transformação e exaltam os triunfos russos na guerra finda como argumento da sua dialética, esquecendo, de ponto feito, as vitórias americanas, inglesas, canadenses e chinesas.

Todavia, a contra-argumentação já está feita: a preparação bélica dos russos por vinte anos e a improvisação de dois países democratas — é um confronto que impõe silêncio.

*
* *

O molde brasileiro não comportará uma revolução radical á moda vermelha.

Nunca, no Brasil, houve o ódio de classe, nem jamais existiu um aristocracia de linhagem parasitária, para ser odiada, e muito menos castas inferiores, para odiar.

Na evolução sócio-histórica brasileira não se ostentam senão brazões honoríficos, premiando serviços ou vaidades: Visconde de Mauá, Duque de Caxias, Barão do Rio Branco...

Titulares plebeus, populares, democratas.

A mesma realeza esteve em Pedro II, que era o mais liberal e o mais

republicano de todos, e foi a princesa Isabel quem deu liberdade aos homens que eram escravos.

Se há no Brasil uma aristocratia é a ARISTOCRACIA DO TRABALHO, de pobres que se fizeram ricos, pelo suór. Desde a Colônia que mendigos enriquecem e ricos empobrecem. Não há, aqui, trabalhadores e não-trabalhadores, porque todos tarabalham. Trabalha dia e noite, na efetiva significação do termo, o industrial, o comerciante, o médico, o advogado, o agricultor, o vaqueiro, o operário, cada qual objetivando vencer na vida, ombreados, misturados, sem animos odiosos, mal quebrando a harmonia os inevitáveis entrechoques de interêsses, consequentes da coexistência.

A palavra "burguês" da concepção comunista não tem significado no Brasil.

Ora, convenhamos, golpear esta pintura harmoniosa, feliz, com o ateísmo e a disciplinação sovitética, até hoje objeto da mais séria discussão, é violentar o nosso psiquismo atávico, sentimental, ameno, doce, é estragar a nossa alegria de viver.

Veja-se êste transcrito de José Maria Belo: "Deixando de parte o exame mais minucioso da economia soviética aceitando como hipótese que ela nos dê o esquema da futura economia mundial, indaguemos se poderia ser transportada para o Brasil ou, em outros termos, se preenchemos as condições da Russia, para isolar-nos em nossas fronteiras, e refazer-lhes a experiência, não frutificada até hoje em nação alguma. A revolução bolchevista extirpou pela violência extrema o regime de classes, quebrando a escada milenária de valores sociais. Sôbre as ruínas da implacável destruição, criou o Estado novo, que não tem analogia com qualquer outro. Fez desaparecer a oposição entre o indivíduo e o Estado, desde que toda questão que possa surgir é uma questão de Estado, como todo cidadão é um funcionário dêste. Seria possível semelhante revolução no Brasil? Ou em outro povo, além do russo, intermediário entre o Oriente e o Ocidente, precipitado de misticismo em revolta permanente e da passiva obediência? Poderiamos contar com os inesgotáveis recursos do solo e do subsolo da Rússia, mais ricos do que os dos próprios Estados-Unidos, e condição indispensável para o abrolhar e o florescer do Estado soviético, enraizado na grande indústria de base? Eis algumas perguntas que deveriam fazer os possiveis adeptos de boa-fé do boschevismo, isto é, os que não lhe tomam o nome em voga para disfarçar impacientes desejos de domínio".

Aí está: adeptos de boa-fé do bolchevismo e bolchevistas falsos, dêle servindo-se para desejos de mando ou de posição política.

Parece que ninguém, confessadamente, se enfileirará na última categória e, então, os prosélitos brasileiros do comunismo serão todos homens de boa-fé, tangidos por espírito sadio, imune de fanatismo exclusivista, capazes de compreender e estimar o livre exame das suas idéias.

Já reconhecemos que os comunistas brasileiros, intelectuais, médicos, engenheiros, bachareis, professores, soldados, têm a seu favor as boas intenções. Os seus críticos mais severos o que lhes negam são credenciais, títulos, qualidades, para falar em nome de proletários, que devem ter os seus chefes e dirigentes, dentro da classe, identificados com as reivindicações da classe. Esses críticos afirmam que aquêles comunistas de salão

nem sequer são filhos de operários, irmãos de operários. Do próprio chefe do partido brasileiro dizem que nunca pegou no martelo nem limpou uma máquina.

Mas não iremos a tanto e apenas concordamos em que agem de boa-fé, e, portanto, devem apresentar á luz serena das análises os seus designios legítimos, deixando que o povo o sentenda e abrace ou repudie, e nunca empenhar-se em atividades á socapa, em propaganda de sub-solo, notívaga, endeusando homens que não são nossos, feitos que são dos outros. Tudo sem subterfúgios, limpo, leal.

O momento brasileiro oferece clima para a discussão de todos os programas, num amplo movimento de retôrno á juricidade, os candidatos em excursões cívicas, os corifeus pescando as adesões, a justiça organizada apurando os eleitores, a imprensa divulgando as plataformas partidárias, numa demonstração inconcussa de que estão alertas as fôrças da democracia, da liberdade, condicionada a leis sábias e lógicas e não a decretações intempestivas, não raro improvisadas, não raro adredes e danosas.

Se esta mocidade comunista, na realidade, como é de crer, não se disfarça para atingir impacientes desejos e inconfessáveis, que solte as velas ao mar do grande prélio nacional e espere com sobranceria o julgamento do voto.

A unidade do pensamento brasileiro já decidiu da gravidade e extensão das nossas questões essenciais e todos aspiram para alicerce da nova construção econômico-social um ideal de distribuição mais equanime. Os problemas nacionais, de tanto estudados, já entraram no conhecimento comum, e apontá-los não é mais originalidade de ninguém.

O que variam são as soluções e estas havemos de encontrar com a prata de casa, numa adequação brasileira e não postiça, extraída do nosso lastro psicológico, da nossa própria vitalidade.

Já foi dito que " o homem se agita dentro do meio físico e a raça o conduz". "Tudo está no sangue. A língua, a religião, a lei, os interêsses, a geografia e as necessidades militares não bastam para criar uma nação se a êstes valores nominais não ajuntar-se influência silenciosa da raça. A consciência ancestral, a raça, é que forma a alma nacional".

Recordemos os sertanistas, os bandeirantes, os pescadores de jangadas, os vaqueiros, os cearenses nos seringais e os "pracinhas" brigando na Itália. Recordemos Vidal de Negreiros, Camarão, Tiradentes, os Andradas, Feijó, Caxias Castro Alves, Tobias Barreto, Teixeira de Freitas, Alencar, Rui, Floriano, Carlos Gomes, Patrocínio, Euclides da Cunha, Rio Branco, Nabuco, Machado de Assiz, Santos Dumont, Capistrano, Bevilaqua, e reflitamos se o Brasil precisa de comunismo.

Será miserável descrer de nós próprios, do poder interior das nossas convicções, da nossa fibra racial.

Se, por absurdo, não tivéssemos capacidade para utilizar as nossas energias morais, muito menos a teriamos para usar os ingredientes de rotulação estrangeira.

Façamos um chamado ao nosso senso e vejamos se não será estúpido e ridículo abrigar a cabeça do nosso caboclo, rasgando-lhe o chapéu de palha de carnaúba e aplicando-lhe, em troca, um gorro de peles da Sibéria.

Nem êle o consentiria.

Esta chamada ao senso nada mais é do que o magnífico movimento de educação política que d. Antônio Lustosa ideou com a SEMANA SOCIAL.

O *Instituto do Ceará,* que o tem como sócio e vê na sua individualidade as mais excelentes qualidades de simpatia e equilíbrio, sela nesta sessão a sua solidariedade á patriótica e necessária campanha, visando, acima de tudo, á vitória do bem e da lei e ao engrandecimento do Brasil.

(*Discurso pronunciado na sessão de* 20 *de setembro de* 1945).